



**CAMINHOS DE UM PATRIMÔNIO SIMBÓLICO MARGINALIZADO:
A ROTA MUSEOLÓGICA DO CANGAÇO.**

Luan Vinícius Carvalho De Almeida*

Resumo: O cangaço foi um fenômeno social ocorrido no sertão brasileiro no final do século XIX, tendo grande destaque na década de 30 do século seguinte devido à atuação de grupos vistos como bandidos por parte da população do nordeste. Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, foi o líder que ganhou mais destaque pela resistência, disciplina e organização de seu bando, sendo posteriormente bastante estudado. Esse grupo era constituído de homens e mulheres que estavam insatisfeitos com uma ordem social estabelecida devido às desigualdades e injustiças econômicas da época em que viviam. Assim, esse artigo objetiva identificar os possíveis locais para construção de um circuito expográfico do cangaço que englobe os estados nordestinos do país e que discuta esse patrimônio cultural muitas vezes marginalizado. Acredita-se que o processo de musealização dos locais e das celebrações que ocorrem como a missa dos vaqueiros, por exemplo, poderá fortalecer e valorizar ainda mais a cultura popular nordestina e sertaneja.

Palavras-chave: Cangaço; Rota; Musealização; Patrimônio simbólico; cultura popular.

Abstract: The “cangaço” was a social phenomenon occurred in the Brazilian backlands in the late nineteenth century and highlight in the 30 of the next century due to the action of groups seen by part of population as villains throughout the northeast of the country. Virgolino Ferreira da Silva, aka Lampião, was the leader who gained more prominence because of his strength, discipline and organization of his band subsequently been intensively studied. This group was constituted of men and women who were dissatisfied with a social established order due to the inequalities and economic injustices of the period in which they lived. Thus, this work aims to identify possible sites for building an expographic circuit of cangaço covering the northeastern states of the country and to discuss this cultural heritage often marginalized. It is believed that the musealization process of local and celebrations that occur as the cowboy mass, for example, could fortify and valorize even more the northeastern backlands popular culture.

Key-words: cangaço; route; musealization; symbolic heritage; popular culture.



3º sebra mus

Introdução

O cangaço foi um fenômeno social ocorrido no fim do século XIX e início do século XX, na região do semiárido do nordeste brasileiro, e ficou conhecido por sua característica de revolta contra o sistema econômico e social da época que desfavorecia os mais pobres. Composto por homens e mulheres, esses bandos percorriam toda a região do sertão realizando saques e assaltos, mas especialmente definindo uma posição de revolta contra o sistema estabelecido.

No Brasil, esse período é marcado por uma série de injustiças econômicas e políticas, onde diversas revoltas ocorreram principalmente pela ditadura estabelecida em toda a Era Vargas. Além disso, o poder continuou concentrado nas mãos dos ricos fazendeiros o que ocasionou contestações dos trabalhadores pobres daquelas fazendas sobre aquela forma de administração de terras e de riquezas produzidas que enriqueciam apenas os grandes fazendeiros.

Dessa forma, os cangaceiros ocuparam um importante papel de disputa social, e os lugares que tem registro de sua passagem nessa delimitação geográfica ganharam posteriormente a designação de lugares de memória. Nessa geografia, entre outras coisas, encontram-se rotas de passagem dos cangaceiros que se tornaram atualmente pontos de memória desse fenômeno.

Ao identificar os lugares de passagem desses bandos e perceber o cangaço como um patrimônio cultural, devido seu valor histórico no cenário cultural do nordeste, sendo assim uma marca dessa história e memória, poderemos discutir os processos de patrimonialização em relação às rotas nos estados nordestinos com a presença desse fenômeno que já foi muitas vezes marginalizado.

O cangaço e sua característica de resistência

Segundo Ieda Lebensztayn (2009), a palavra cangaço, em sua raiz, vem de canga e “está atrelada à esfera do trabalho de vaqueiros. Significando também ‘pau assentado nos



3º sebra mus

ombros para transportar objetos’, remete ao fardo de armas objetos que os cangaceiros, nômades, carregavam” (LEBENSZTAYN, 2009, p. 135). Rastreando a origem das palavras “cangaceiro”, “bandoleiro” e “bandido”, a autora afere que a semelhança entre cangaceiro e bandoleiro é o fato deles carregarem bandola, cinto do qual pendem cartucheiros de pólvora o que evidencia a existência do que ela considera ser um círculo vicioso, da ordem do trabalho explorado, do banimento, à esfera da violência.

Dessa forma, o cangaço é compreendido como um movimento que tem como característica principal a relação com os poderosos homens donos da terra, a existência de um clima semiárido com períodos de seca constante e uma paisagem social de desolação. A pesquisadora Élise Grunspan-Jasmin (2006), recorrendo a documentos antigos, identifica que

O cangaço em geral é um brado de revolta, um movimento impulsivo de defesa das vítimas de prepotências e injustiças. O pobre sertanejo, perseguido por governos corruptos e prepotentes, vítima de autoridades ignorantes e brutais, julgados por magistrados venais, sendo naturalmente bravo, recorre ao seu braço forte, para suprir a justiça inexistente de seu país. Em geral, são filhos que vingam a morte do pai ou de irmãos, trucidados por uma polícia de sicários. São vítimas de esbulhos que reivindicam pela própria força os direitos que lhes deviam ser outorgados pela lei (ROCHA, apud GRUNSPAN-JASMIN, 2006).

Para Sarah Lima Batista (2012), o cangaço é formado por bandos de pessoas armadas que podiam ser parentes do coronel local, jagunços, e o cabra ou cangaceiro manso, comumente identificado como um morador comum que se comprometeria em defender o proprietário de terra, em troca de trabalho nesta e de proteção.

O cangaço seria então considerado um fenômeno banditista como explica José Bezerra Lima Irmão (2014) ao diferenciar o que é bando e quadrilha. O bando atuaria nas zonas rurais e a quadrilha (com mais de quatro integrantes) nas zonas urbanas. O cangaço viria do termo bandido, derivado de bando, de onde surge o banditismo caracterizado pelo autor como um fenômeno universal.



3º sebra mus

Mais que um simples fenômeno caracterizado pela atuação de homens armados que saqueavam fazendas, vilas e cidades do Nordeste, o cangaço representa na verdade uma manifestação coletiva típica de luta de classes gerada nas caatingas, de forma espontânea, do povo analfabeto e pobre contra o domínio absoluto do coronel igualmente analfabeto, porém rico e prepotente, embora tal manifestação não tivesse um objetivo definido, já que [...] não tinha consciência social e não seguia nenhuma orientação ideológica, mas apenas o sentimento de revolta (IRMÃO, 2014, p. 21).

Assim após o período de existência do grupo de Lampião os registros são dos mais variados, tais como “ensaios biográficos, estudos históricos e sociológicos, romances, artigos, reportagens, depoimentos, além de vasta literatura de cordel” (IRMÃO, 2014, p. 23).

A diminuição da atuação dos bandos ocorria com a chegada das chuvas que propiciava um reestabelecimento na oferta de gêneros alimentícios o que garantia o sustento econômico da população com um todo. Luiz Henrique Cascelli de Azevedo (1998) explica que as condições climáticas interferiam nas condições econômicas do sertão como um todo. Com as chuvas havia mais oferta de produtos e isso amenizava os conflitos sociais, em contrapartida, nos períodos de seca ocorriam mais ataques dos bandos. Uma desorganização econômica, provocada pela seca, gerava conflitos bastante frequentes entre os abastados e os mais pobres, chegando ao ponto de matar por pouco.

Era comum o fato das pessoas migrarem de uma região mais afetada pela seca para outra não tão afetada. Entretanto, os menos favorecidos sofriam ainda mais porque eram afugentados para não dizimarem as poucas reservas de alimentos e água disponíveis. Nesse cenário, alguns grupos de retirantes ganharam destaque pela prática de pilhagens e saques (AZEVEDO, 1998).

Motivados pela própria condição de miséria que viviam, um tipo de resistência tomava forma nesses bandos por meio do uso de força e violência. Assim, eles passaram a ter uma organização sólida e estratégias de luta eficientes especialmente para não serem presos em suas atuações. Historicamente o que se passava no entorno social do Brasil naquele período e



3º sebra mus

que como com uma mola propulsora impulsionou o cangaço no Nordeste na década de 30¹, estava fortemente ligado aos fatos sociais e políticos.

Entretanto, distante de ser um movimento uniforme, no cangaço há períodos marcados pela organização de bandos também a serviço dos coronéis que queriam proteger suas fazendas e terras e os cangaceiros eram contratados para prestarem esse tipo de serviço. Contudo, houve tempo em que esses bandos tornaram-se independentes, o que gerou um cenário de luta armada. O cangaço, naquele momento, não apenas lutava e resistia por motivos de fome generalizada em períodos de seca, mas também contra as injustiças que ocorriam com a população mais pobre.

James Scott (2011) afere que a resistência estava diretamente ligada ao embate entre classes sociais. Havia naquele cenário árido uma recusa em atender as diversas demandas feitas pelas classes superiores como a proteção às fazendas, serviços domésticos exploratórios e ou trabalho na terra. Portanto, tais demandas e reivindicações – entendida aqui como recusa – têm normalmente a ver com o que motiva a relação da luta de classes, ou seja, a apropriação da terra, do trabalho, dos impostos, das rendas, etc. Portanto, a resistência dos cangaceiros tinha o intuito de conquistar ganhos sociais imediatos.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1982) aponta como destaque de resistência a figura de Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião², um dos líderes mais conhecidos dos bandos

¹ Na década de 30, o Brasil enfrentava um período de transição: A Revolução de 1930; Movimento de oligarquias que não se beneficiavam com a política “Café-com-Leite”, marcou o início de uma década de mudanças para o Brasil. Com a Revolução, foi possível a ascensão ao governo nacional de um representante do Rio Grande do Sul: Getúlio Dornelles Vargas, assumindo um governo provisório que futuramente, através de um golpe, se consolidaria até seu suicídio em 1954. O levante comunista de 1935 tinha por objetivo depor Getúlio Vargas e implantar um governo comunista no Brasil, tendo como líder da revolta Luís Carlos Prestes. Porém a revolta fracassou, sendo reprimida terrivelmente pelo governo Vargas, que aproveitando a ameaça comunista implantou o Estado Novo em 1937, suspendendo as eleições de 1938, alegando não poder haver uma eleição com o Brasil em estado de guerra, assim efetivou-se a Ditadura Varguista, concentrando todos os poderes nas mãos do presidente. Foi neste contexto nacional que o Banditismo Social ou o popularmente conhecido “Cangaço” teve seu auge, repercutindo não apenas regionalmente, mas também a nível nacional, representando mais uma ameaça ao governo ditatorial do período (BATISTA, 2012, p. 14).

² Filho de José Ferreira dos Santos e Maria Vieira Lopes, conhecido como “Rei do Cangaço”. Lampião nasceu no sítio de Passagem das Pedras, atual município de Serra Talhada, mas sua data de nascimento é duvidosa, enquanto alguns afirmam ter sido em 07 de julho de 1897, outros sustentam que foi em 04 de junho de 1898. A



de cangaceiros, devido seu caráter disciplinado, sua resistência nas lutas e a organização de seu bando e trabalha seu mito de origem chegando à delimitação geográfica do cangaço, ao que ela chama de “Polígono das Secas” (QUEIROZ, 1982, p. 15).

Tanto Serra Talhada/PE, como Triunfo/PE, Petrolina/PE, Piranhas/AL ou Poço Redondo/SE e Mossoró/RN, são lugares que registraram a passagem pacífica ou não de Lampião nesses territórios, sejam como trincheiras de resistência ao cangaço ou como locais que apoiaram as ações dos cangaceiros, ou mesmo como cenário de confrontos dos cangaceiros com a volante, como explica Marcos Edilson de Araújo Clemente (2006, p. 44).

Fernando Sá (2014), em sua pesquisa sobre o cangaço no sertão de Sergipe e Alagoas, realizou diversos levantamentos científicos nas cidades de Poço Redondo/SE, Canindé do São Francisco/SE, Piranhas/AL, Olho D’água do Casado/AL, Juazeiro do Norte/CE, Triunfo/PE, Serra Talhada/PE, Paulo Afonso/BA e Poço Redondo/SE, e acaba apontando também essas cidades como locais de ações comemorativas em relação à figura de Lampião.

Logo, o autor explica que, de algum modo, nessas visitas realizadas e nas consultas a jornais e livros, percebeu que em cada estado ou cidade na qual se registrou a passagem do bando de Lampião, havia uma preocupação em demarcar na geografia a especificidade da participação no fenômeno social do cangaço (SÁ, 2014, p. 286).

Assim, o recorte feito aqui passa por cinco estados, sendo eles, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas e Ceará, por onde o bando de Lampião passou e deixou marcas históricas, sejam elas através da memória do povo ou mesmo dos jornais da época que faziam tal registro da passagem dos cangaceiros por determinados locais, indicando essa preocupação em registrar a passagem dos cangaceiros.

Os levantamentos feitos em pesquisas destacam até agora sete estados brasileiros com atividades do cangaço³, entretanto para esta pesquisa, o foco cai sobre os estados de Alagoas,

data de morte não tem tanta indistinção, o cangaceiro morreu na Grotta de Angicos, município de Poço Redondo, em 28 de julho de 1938 (FILHO, 2014, p. 1).

³ Os estados por onde o bando de Lampião passou contam com Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo essa a contagem feita até o momento desta pesquisa baseado no levantamento bibliográfico realizado aqui.



3º sebra mus

Sergipe, Pernambuco, Bahia e Ceará, por atrelarem de alguma maneira memórias sobre a passagem do bando de Lampião.

Outras marcas são atualmente identificadas em museus e locais de celebração, como a Grotta de Angicos, onde é realizada a missa do cangaço, fazendas de coiteiros que eram utilizadas como refúgio, entre outros espaços.

Assim, depois de delimitado o espaço geográfico do cangaço como também alguns motivos e consequências de sua passagem por determinadas cidades do sertão nordestino, traçaremos uma explanação sobre o que tange o patrimônio e suas questões, e também pelo fato de que a simbologia que rodeia o cangaço na sua ótica atual pode ser compreendida como um patrimônio relativamente interligado à identidade cultural do povo nordestino, assim como uma marca registrada nos capítulos da história do povo brasileiro.

O patrimônio simbólico do cangaço

Locais como a Grotta de Angicos, entre outros lugares, se tornaram espaços de celebração e de culto dessa memória do cangaço considerada por muitos como um patrimônio cultural simbólico. Tais eventos são destinados a rememorar a ideia de que o cangaço se constitui também como um elemento patrimonial.

O patrimônio aqui discutido e que podemos chamar de marginalizado, segue a mesma linha lógica sobre o que ocorreu com o cangaço, também marginalizado hoje em dia e por parte da população da época. É por essa e outras ligações que se nomeia esse patrimônio dessa maneira. É bastante válido, neste momento, discutir o conceito de patrimônio. Para Mario Chagas (2005):

O patrimônio cultural se constitui a partir da atribuição de valores, funções e significados aos elementos que o compõem. O reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos, permite avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa e luta, como campo discursivo sujeito aos mais diferentes usos e submetido aos mais diferentes interesses (CHAGAS, 2005, p. 1).



3º sebra mus

Considerando esta constatação em relação ao patrimônio, Chagas (2005) ainda traz em seu texto a ideia de que sempre será encontrada a noção de patrimônio que caracteriza o conjunto de bens tangíveis, intangíveis e naturais a que se atribuem valores e sentidos em determinado tempo. Porém, ainda de acordo com o autor, o patrimônio “é terreno em construção, fruto de eleição e campo de combate” (CHAGAS, 2005, p. 1). E levando essa premissa para um entendimento mais plano sobre o patrimônio e seu conceito, aprofundaremos ainda mais essa noção no decorrer do artigo.

Entretanto, segundo o Dicionário crítico de políticas culturais (1997, p. 285), o patrimônio cultural é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público por [...] fatos memoráveis quer pelo seu valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico, artístico.

Outra perspectiva é que Donizete Rodrigues (2012) explica que o conceito de patrimônio no âmbito cultural se resume ao “conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados do interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo” (RODRIGUES, 2012, p. 4), no entanto essa interpretação de que os bens do cangaço tem uma importância na história da cultura e que podem ser patrimônio, é bastante recente, tendo em vista que no período em que existia não possuía tal significado, sentido ou relevância para alguma contribuição cultural da época.

Vale salientar o que seria o cangaço senão esse movimento de respaldo na identidade cultural do povo do Nordeste. O que aqui se pretende mostrar é como o cangaço pode se tornar um patrimônio da região nordeste no sentido de que resquícios de seus símbolos e signos moveram o imaginário da população nordestina e brasileira. Assim, o conceito que mais se adequaria ao caso do cangaço sob essa ótica, seria o do autor Mário Chagas ao tratar o patrimônio como um lugar de conflitos, construção, de embates, situações estas em que o cangaço se encontra inserido.

Essa mistura de símbolos e signos presente no legado deixado pelo cangaço acaba se estruturando como uma das forças motrizes geradoras da identidade cultural do povo



3º sebra mus

nordestino, sendo também um legado histórico e cultural nessa memória visitada devido à realidade existente naquela região. Dessa forma, Sarah Lima Batista (2012) nos explica que o movimento pode ser compreendido como “pertencente à cultura imaterial, posto que esta modalidade de cultura necessita inevitavelmente da memória coletiva para existir” (BATISTA, 2012, p. 16).

São, portanto, legados que percorrem a imaterialidade dessas manifestações do cangaço na memória e que traçam o paralelo com o que podemos atualmente chamar de patrimônio cultural ou patrimônio simbólico, constituinte também de uma identidade cultural.

Ao longo dos tempos, houve uma construção de discursos que se contrapunham até os dias de hoje entre pesquisadores do tema, levantando o debate sobre a questão dos cangaceiros e cangaceiras serem heróis ou bandidos naquela realidade sertaneja e dentro do imaginário nordestino, tomando-os, portanto, como patrimônio cultural desse povo.

É comum que os bens do cangaço sejam interpretados de maneira equivocada nos museus, como destaca Clovis Carvalho Britto em seu artigo sobre a as mulheres e a musealização do cangaço.

A análise das trajetórias da musealização das mulheres ferradas em Canindé contribui para problematizarmos a relação entre memória, museus e “eventos críticos”, além dos desafios em torno da manipulação dessas narrativas. Do mesmo modo, evidencia as diversas potencialidades – entre silêncios e marcas – em torno da exposição de um mesmo fato. Esses recortes relacionados à representação do cangaço nos museus brasileiros contribuem para o reconhecimento de questões como a importância da pesquisa e da ética nos museus, juntamente com as possibilidades polissêmicas a serem utilizadas na construção das exposições museológicas (BRITTO, 2016, p. 64).

Nessa pesquisa do tema, Britto (2016) também problematiza acerca dos objetos do cangaço em museus e sobre as mulheres no cangaço e aponta que de acordo com José Murilo de Carvalho, “os cangaceiros eram compreendidos, [...] como bandidos sociais que reagiam à situação de desigualdade [...] no sertão, mas que se utilizavam das mesmas táticas dos coronéis, sobretudo a violência” (BRITTO, 2016, p. 54).



3º sebra mus

A questão torna-se mais complexa a ponto de ser possível analisar o fato de que nesse imaginário popular, o cangaço ganhou espaço e gerou sentimentos de pertencimento à região nordeste, além de ressoar na herança cultural em suas mais diversas manifestações, sejam elas materiais ou imateriais, encontrando aí as suas características museológicas sendo este objeto uma fonte de pesquisa na área da Museologia e do campo do patrimônio que expande-se constantemente, podendo o cangaço ser identificado como patrimônio simbólico, intangível e cultural.

A proposta museológica: a construção de uma rota geográfica para visitação

Após análise da obra *Combates entre História e Memórias* de Fernando Sá, percebe-se que o autor busca também pontuar algumas regiões que possuem certa expressividade em relação à Lampião e seu bando. Fernando Sá inicia sua jornada através dos confins de Serra Talhada/PE e tal escolha não é aleatória e nem por acaso, pelo contrário, o autor indica um dos pontos de partida para desembocar no cangaço e sua força através de Lampião.

O que possui de cangaço nesses espaços geográficos? A partir do ponto de vista da construção de um patrimônio simbólico que é também muitas vezes marginalizado, volta-se o olhar mais fortemente para Triunfo/PE que possui um Memorial do Cangaço, além de Poço redondo/SE que tem a Praça Lampião e o Museu do Sertão em Piranhas/AL. Esses locais são os principais apontados por Fernando Sá e intitulados como Museus de cangaço.

Cabe discutir também como se constituem as rotas geográficas com um caráter ainda museológico⁴ para se pensar o patrimônio simbólico. Logo, um viés necessário e crucial para o entendimento e a pesquisa sobre a rota geográfica do cangaço, é justamente captar a essência do que se entende por rota geográfica e trabalhar na construção da produção da mesma.

⁴ Para Cristina Bruno (2005) “museológico é o fenômeno (é quando este fato é identificado, percebido, ou seja: o museu)”. (BRUNO apud CURY). Logo, aqui, o que se chama de uma rota museológica é uma rota identificada e tendo o fenômeno, no caso do cangaço, como elemento constituinte.



3º sebra mus

Na atualidade, as rotas revelam-se dos produtos mais procurados pelos visitantes na indústria turística. Assim, na ótica da oferta turística, a rota (ou itinerário) é vista como a produção de um conjunto de atividades e atrações que estimulam a articulação entre áreas distintas e servem de estímulo ao desenvolvimento económico através do turismo (Briedenhann & Wickens, 2004 apud Maia, 2011). Trata-se, deste modo, de um processo ativo, interativo e evolutivo, fundamental na área do turismo e do lazer, e que necessita de uma programação metódica e de uma gestão otimizada (MAIA; BAPTISTA, 2011, p. 2-3).

A elaboração e constituição de uma rota geográfica é complexa, principalmente no que se refere à questão do cangaço, pois era um movimento de mobilidade constante, errante e aparentemente, incerta. Assim, é capaz surgir uma nova perspectiva e noção de patrimônio através da rota. Para compreender o conceito de rota, o ICOMOS, apresenta que:

O conceito de rota ou itinerário cultural é inovador, completo, complexo e pluridisciplinar, pois contribui qualitativamente para a noção de patrimônio, para a sua divulgação e conservação, ao mesmo tempo que reforça o valor de cada elemento que compõe a rota e valoriza a comunidade local (ICOMOS, 2008 apud BAPTISTA; MAIA, 2011).

Então, como se pensar a construção da rota museológica do cangaço, do bando de Lampião, através da produção teórica e constituição de um roteiro que seja um fiel traçado dos principais locais, ou lugares onde há uma produção expressiva sobre o tema do cangaço?

Diversos aspectos devem ser considerados na construção dessa rota museológica, desde uma avaliação dos pontos listados como lugares de cangaço até planejamento e organização dessa rota. Dentre os locais que estão selecionados para tal, Triunfo/PE, Poço Redondo/SE e Serra Talhada/PE são lugares chave para esse processo. Uma dúvida que surge dentro da seleção desses locais é justamente observar a produção que ocorre ali para tentar problematizar o que se exercita da identidade do cangaço e suas celebrações como uma forma de delimitar na geografia o registro da passagem desses bandos.

São exemplos de lugares que possuem acervo para essa rota o Museu do Cangaço/Fundação Cultural Cabras de Lampião em Serra Talhada/PE; Museu do Cangaço e da Cidade de Triunfo, em Triunfo/PE; Museu-Casa de Maria Bonita, em Paulo Afonso/BA;



3º sebra mus

Museu do Cangaço, no Povoado de Alagadiço em Frei Paulo/SE; Memorial da Universidade Tiradentes, em Aracaju/SE; Museu Histórico de Sergipe, em São Cristóvão/SE; Museu Estácio de Lima, em Salvador/BA; Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em Maceió/AL; Museu do Sertão, em Piranhas/AL.

Dos segmentos capazes de serem investigados sobre tais museus que possuem acervos de cangaço, considerando os estados onde esses espaços museais estão inseridos faz-se relevante contextualiza-los para compreender a importância da passagem e produção do cangaço nesses locais. Muitos dos indícios a serem encontrados nessas abordagens quanto à rota, se revelará também à medida de uma busca meticulosa, profunda e uma pesquisa bibliográfica mais especializada sobre o tema cangaço e rotas geográficas e processos de musealização⁵.

Logo, esses espaços de consagração e fabricação de uma ideia de patrimônio simbólico ressalta a preocupação atual das populações de delinearem esses lugares como sendo de memória, logo pontos geográficos memoráveis e significados atribuídos a esses locais são indicativos para a construção dessa rota patrimonial e museológica.

Atribuindo esse valor de lugares de memória, atualmente, e partindo da concepção de Pierre Nora sobre tal conceito, vale destacar o desenvolvimento da simbologia que envolve tal memória e que percorre o campo também do patrimônio nessa compreensão mais ampla do que o cangaço representa hoje em dia. Então, o autor explica que tais espaços são lugares capazes de gerarem efeitos sobre o material, o simbólico e o funcional, todas em graus diversos e mesmo um espaço aparentemente material, só se tornará de memória quando a imaginação investi-lo dessa aura simbólica (NORA, 1984, p. 21).

Portanto, essas estratégias dos processos de consagração dos lugares, celebrações e manifestações oferecem subsídios para fortalecer a ideia da cultura sertaneja como um elemento simbólico assim como foi o movimento do cangaço. Como explica Sara Maia e

⁵ É um processo que se inicia com a seleção realizada pelo “olhar museológico” sobre as coisas materiais, ou seja, “[...] uma atitude crítica, questionadora, capaz de um distanciamento reflexivo diante do conjunto de bens culturais e naturais [...]” (CHAGAS apud CURY, 2005, p. 24).



3º sebra mus

Maria Baptista (2011, p. 14), “as rotas museológicas são inovadoras e promovem a interdisciplinaridade”.

Pois assim como o campo da Museologia, a proposta de uma rota museológica é justamente possuir em seu cerne o interesse e o caráter interdisciplinar. A partir dessa vertente trabalhada é que novas formas surgirão de maneira mais nítida na elaboração da rota do cangaço.

A rota: museologia e tratamento patrimonial

De acordo com Xerardo Pérez (2009, p. 232), os itinerários culturais devem reconhecer a identidade patrimonial cultural e natural representativa de um dado local, ao mesmo tempo em que procuram servir de elo entre visitantes e visitados. Assim, de tal modo, as rotas museológicas que caracterizam especificamente um circuito que permeie um patrimônio, dará poder de fruição para dentro dela.

Além de perceber o patrimônio do cangaço como marginalizado pela questão de trazer em seu cerne o estigma de um movimento banditista, sendo percebido, portanto, como um movimento marginal por parte de estudiosos do cangaço e de parte da população, é bastante provável que algumas ressonâncias ocorram no campo desse patrimônio, devido principalmente à falta de produções bibliográficas que debrucem um olhar diferenciado a esse âmbito das rotas, existindo apenas uma rota do cangaço feita na trilha da Grota de Angicos.

É uma rota museológica aquela que potencializa os recursos socioculturais e patrimoniais de um local ou de uma região, integrando outras áreas como a tradição, o patrimônio, a arte, os costumes, o artesanato, a etnografia e a história (BAPTISTA; MAIA, 2011, p. 4), diferente do que ocorre nessa trilha do cangaço citada acima cuja o único objetivo é chegar ao local do massacre dos cangaceiros e cangaceiras. Para Sarah Vidal e Maria Baptista (2011, p. 4), essas rotas museológicas sempre se associam a um tema e um representativo de uma identidade dos elementos que a constituem, reconhecendo sua identidade patrimonial, cultural e natural, proporcionando assim uma experiência e uma vivência para os visitantes.



3º sebra mus

A construção de rotas museológicas é uma das formas de colocar em prática a relação entre a atividade cultural e a turística. Podemos compreender que o que se entende por museológico, segundo Cristina Bruno (2005), é o fenômeno, ou seja, o fato identificado e percebido, como pontuado acima, logo a rota museológica é uma rota cujo fenômeno do cangaço é identificado ali e cujo bando de Lampião traçou geograficamente esses pontos.

Mais do que uma simples rota turística, uma rota museológica pode vir a ser o testemunho de uma identidade (BAPTISTA; MAIA, 2011, p. 4). Porém mais do que uma construção turística desses sistemas de rotas, elas possuem um caráter museológico, e nesse caso se relaciona diretamente com a noção de patrimônio aqui discutida. A proposta da rota do cangaço é importante para que se pense e desconstrua algumas estratégias empreendidas em relação ao tema que cristalizam uma versão do que foi o cangaço a partir desses lugares, e que a Grota seria um elemento chave desse processo, demarcando um ponto final da trajetória de alguns integrantes do bando de Lampião.

Os patrimônios simbólicos estão a todo o instante se movendo, sendo transformados e transformando quem o vivencia, fazendo assim com que a comunidade onde esteja inserida, interaja diretamente com eles. No entanto, tal patrimônio é antes de tudo, um meio para se chegar a algo. Ele é o intermédio e busca ser um elo que una o seu contexto de memória com a atualidade do meio em que está inserido.

Portanto esse ponto de vista se encaixa na ideia de movimentação e de rotação constante, pois o cangaço também era um fenômeno com bastante movimento e mudança de lugar no sertão nordestino. E assim como a missa do vaqueiro, manifestação do sertão nordestino, o cangaço acaba por tornar-se elemento crucial na construção da sociedade sertaneja. Para Janirza Cavalcante da Rocha Lima (1991):

Dentro da estrutura social sertaneja, o elemento mais representativo é o vaqueiro, onde sua presença é constante. Como analisar o sertão sem estudar o sentimento e a realidade do vaqueiro, seu trabalho, sua vida, seu sofrer, seu viver e seu morrer? [...] Polariza todas as injustiças e desmandos do seu tempo (LIMA, 1991, p. 38).



3º sebra mus

Desse modo, a missa do vaqueiro assemelha-se ao cangaço no sentido de se tornar um elemento simbólico importante na construção de uma ideia de legado deixado no nordeste brasileiro. Assim como o bando de Lampião é massacrado na Grotta de Angicos, a missa do Vaqueiro traz uma memória bastante próxima ao fato, por ser realizada em um local de assassinato de um vaqueiro, e isso pode aplicar-se aos locais aonde os cangaceiros e cangaceiras chegaram a passar e deixar marcas representativas. É o sentido de celebração dos lugares que garante a possível ideia de uma rota museológica que trabalha a memória coletiva de um povo.

Logo para Sara Maia e Maria Baptista “o desenvolvimento de uma rota museológica é de tal maneira complexo que abrange diversos agentes (públicos e privados) no seu planejamento, na sua organização e na sua gestão”. (2011, p. 4) E esses agentes, assim como um público que vai até um espaço museal, devem interagir e progredir no que se refere à questão da constituição de tal rota a ser proposta e desenvolvida visando uma contribuição para o campo do cangaço assim como do patrimônio. As autoras defendem que “desta forma, entende-se que uma rota museológica deve contar uma história e proporcionar uma vivência/experiência” (BAPTISTA; MAIA, 2011, p. 4). Assim como se propõe aqui com o cangaço.

Consequentemente, inicia-se um trajeto primeiramente pensado por Sergipe, devido os últimos anos do bando de Lampião no Cangaço terem sido pelo Estado, findando na Grotta do Angico, em Poço Redondo, que inclusive possui a Praça Lampião, em sua homenagem.

A rota museológica poderá abranger esses principais pontos onde há uma marca histórica do cangaço em evidência, seja devido os objetos do cangaço que estejam por tal local e que são objetos de memória, seja pelos espaços que cultuam esse tratamento para com o cangaço e Lampião.

Logo a rota museológica poderá receber um tratamento patrimonial, levantando esses principais pontos, no que se refere à questão sobre o que existe de patrimônio do cangaço por essa determinada região. Patrimônio este no sentido de haver alguma possibilidade de representação da memória do cangaço e que faça parte de uma memória que integra a



3º sebra mus

identidade dos povos que possuem tal material, onde a celebração da memória torna-se um componente marcante na escolha desses espaços.

Consideração Final

Por fim, no entanto, há de se considerar que este artigo busca identificar possíveis pontos geográficos para construção desse circuito expográfico e museológico do cangaço, englobando estados nordestinos do país que justamente abordem e tratem do patrimônio simbólico desse tema que é muitas vezes marginalizado pelo seu caráter considerado de banditismo.

Assim, para gerar uma provocação inicial referente à construção do patrimônio simbólico marginalizado, torna-se importante dialogar com teóricos da Museologia (quanto aos conceitos de patrimônio) e teóricos que buscam trabalhar a questão de rotas geográficas, para que assim seja possível pensar de forma mais elaborada uma rota museológica delimitada. Aliando o que se tem de cangaço nos estados a serem estudados, além das rotas já construídas, se faz relevante problematizar as rotas existentes a partir desta nova construção museal.

O processo de musealização dessa rota, incluindo os locais e celebrações que eles abrigam, transforma-se em mais uma ferramenta capaz de fomentar e impulsionar a cultura nordestina, como um elemento crucial na identidade cultural, assim como relevante elemento simbólico do país.

O início de um projeto da rota museológica do cangaço, partindo de seus espaços geográficos, busca provocar outros meios de modificar a dimensão real e simbólica do cangaço, que por sua vez encontra-se na memória coletiva do povo nordestino, ora como um fenômeno símbolo das reivindicações de direitos de um povo, ora como um movimento de bandidos, mas que fortaleceu e contribuiu para o que se conhece hoje como cultura popular nordestina e sertaneja.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Luiz Henrique Cascelli de. A seca, os cangaceiros e os beatos. **Cadernos Aslegis**, v. 2, n. 5, 1998, p. 14-17.

BAPTISTA, Maria Manuel; MAIA, Sara Vidal. **O turismo e as rotas culturais – Proposta de rotas museológicas na região de Aveiro**. Universidade de Aveiro. 2011. 16p.

BATISTA, Sarah Lima. **Patrimônio e Região: Uma leitura do cangaço como patrimônio cultural nordestino**. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande/PB. 2012. 23p.

BRITTO, Clovis Carvalho. Mulheres a ferro e fogo: Reflexões sobre a musealização do cangaço. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 29, nº 57. 2016, p. 40-66.

CHAGAS, Mário de Souza. **Cultura, Patrimônio e Memória**. Revista Museu. 2005. Disponível em: <<http://revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id%3D598>>. Acesso em 16 de maio de 2016.

_____. Diversidade Museal e movimentos sociais. In: **ENCONTRO. IBERO-AMERICANO DE MUSEUS - IBERMUSEUS**. 1., 2007, Salvador. 11p.

CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. **Fotografia e história: Imagens fotográficas do cangaço**. Universidade Federal do Tocantins. 2010. 11p.

_____. Lugares de memória do cangaço: Imagens de Lampião no sertão do nordeste. **Tempos Históricos**. M. C. Rondon, v. 9, 2006, p. 43-73.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário**. 1997. Editora Iluminuras Ltda. 384p.

COSTA, Alcino Alves. **Lampião em Sergipe**. Editora Diário Oficial. Aracaju/SE. 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005. 162p.

FILHO, Vagner Silva Ramos. Em (com)fusão: o Cangaço como patrimônio entre disputas no Ceará (1988-1995). **Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis/SC. Programa de pós-graduação em História**. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). 2014. 12p.

GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, o senhor do sertão. Vidas e Mortes de um cangaceiro**. Trad. MARCONDES, Maria Celeste Franco Faria; DANESI, Antônio de Pádua. EdUSP. 2006. 387p.

IRMÃO, José Bezerra Lima. **Lampião – A raposa das caatingas**. Salvador. JM Gráfica & Editora Ltda. 2014. 736p.

LEBENSZTAYN, Ieda. Graciliano Ramos e a revista Novidade: contra o lugar-comum. **Estudos avançados**, v. 23, ed. 67, 2009.

LIMA, Janirza Cavalcante da Rocha. Rezas ao sol: Memória e tradição na missa do vaqueiro em Serrita-PE. **Cadernos CERU**, nº 3, série 11. 1991. p. 33-48.

NORA, Pierre. Os lugares de memória, uma outra história. In: Entre Memória e História: A problemática dos lugares. São Paulo: Projeto história: **Revista do programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC**, 1993, cap. 3. p. 21-28.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. Turismo Cultural – Uma visão antropológica. **Revista de Turismo y Patrimonio cultural**, Tenerife. 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. São Paulo: Global Ed., 1982. 80p.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. Universidade da Beira Interior. 2012. 8p.

SÁ, Antônio Fernando Araújo. **Combates entre história e memórias**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. 326p.

SCOTT, James C. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 217-243.